

PROVÍNCIA DA ZAMBÉZIA

COMÍCIO DE CHINDE - 2006

(...)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Província da Zambézia hoye!

(Hoye!)

Província da Zambézia hoye!

(Hoye!)

Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoye!

(Hoye!)

Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoye!

(Hoye!)

Cultura Moçambicana hoye!

(Hoye!)

Mulher Moçambicana hoye!

(Hoye!)

Criança Moçambicana hoye!

(Hoye!)

Povo Moçambicano hoye!

(Hoye!)

Jovem Moçambicano hoye!

(Hoye!)

Muito bom dia!

(Bom dia! Palmas)

Nós chegamos a pouco tempo. Mas até parece que chegamos há muito tempo. Vemos as pessoas como se já estivessemos há mais tempo juntos. As crianças a dançarem, dirigidas pelos seus professores. Mostra que anímica... uma força interior muito forte. As nossas mulheres, e os adultos também a cantarem como bem eles sabem. Mostra que Chinde tem dentro de si a beleza de Moçambique. Por isso, nós nos sentimos como se estivessemos estado aqui já há mais tempo. Assim, queria começar por saudar-vos e agradecer pela vossa amizade.

Eu estive uma vez em Chinde, mas foi há muito tempo. O Governador da Província ainda era o Rosário. Nós viemos de avião, e a pista estava cheia de lama. Foi há muito tempo. Não me lembro mais. Mas depois dali, fomos visitar o porto. O porto. Uma das coisas que me impressionou no porto é que estava muito assoreado. Havia muitas coisas. A gente via porque antigamente havia lá o porto de Chinde. Foi há muito tempo. Hoje já não há porto. Quando fui para lá há pouco tempo, o porto já não está. Foi arrastado pelas águas! Aquelas oficinas, aquelas construções ali, também estão a partir arrastadas pelas águas! É a realidade. É a realidade que dói. É a realidade que faz sofrer a

população de Chinde. É a realidade que nós devemos aprender a tomar, a controlar! Por isso mesmo, me espanta quando vejo as nossas crianças a cantar e a dançar mostrando confiança. Quando vejo os adultos também presentes, com confiança. E quando oiço relatórios e discursos e reconhecem que há muito que foi feito para Chinde, mas também naturalmente aproveitam-me dizer que há problemas.

Me espanta ainda quando apesar de terem tão pouco, oferecem algumas coisas. Pouco e outras coisas que vem do suor do vosso trabalho. E até construíram um barco, para não esquecer que Chinde está lá. Que Chinde é capaz de fazer maravilhas. Mas eu vejo nessa vossa determinação, há alguma coisa que me lembra logo. De que vocês são herdeiros daqueles que fizeram este País tornar-se independente! Pessoas que lutaram contra tudo, com muitas dificuldades. Mas como tinham certeza de vencer não desanimaram. Lutaram até conseguir vencer! Falado assim a distância no tempo, a grande distância de 1962 é difícil compreender o que é que significava. Mas neste País, quem mandava não eram os Moçambicanos. Os Moçambicanos não decidiam sobre o que queriam. Não decidiam porque se podiam construir uma casa. Se podiam construir uma estrada. Se podiam construir um porto. Os Moçambicanos nessa altura não decidiam nada. Apenas obedeciam e se não obedecessem era chamboco com palmatória – prisão, chibalo!

Sabem o que é chibalo? Meus meninos sabem o que é chibalo? **(Sim!)**

O que é? (...trabalho forçado!)

Trabalho forçado! São bons em História. Vocês são mesmos herdeiros dos vossos... daqueles que construíram este país, ein? Conhecem as coisas. Muito bem, muito bem! Os moçambicanos não tinham nada. Não tinham armas. Não tinham escolas. Não tinham nada! Casa boa não era para eles. Sofrimento sim! Mas esses moçambicanos conseguiam dizer em primeiro lugar: Os Moçambicanos vão tomar conta do país. Os moçambicanos vão decidir aquilo que querem. E então juntaram-se numa organização chamada Frelimo e a Frelimo organizou o Povo!

Também com a contagem do tempo, pode-se ter perdido o que é que isso significa, mas é preciso...vou dar dois exemplos. Nós moçambicanos não nos conhecíamos. Nós lutávamos uns contra os outros. Quem falava chissena não sabia gostar do nhúngue. Ou de bitonga. Ou de chuabo. Ou de Lómue. Ou de Nda. Ou de chitsua. Ou de maconde. Ou de chinyanja. Ou de Changane. Ou de chope. Ou de rong. Ou de chona. Ou de chitewe...

Nós desgostávamos, porque o colonialismo não permitia. Estávamos divididos. Éramos como se fossemos povos uns contra os outros. Por isso mesmo, não era possível vencer o colonialismo, a dominação do estrangeiro, porque estávamos divididos!

Então, apareceu a Frelimo dirigida por um homem muito especial. Um moçambicano muito especial, que nasceu pobre! Pobre, pobre, pobre! Era pastor de cabritos, mas procurou estudar. Estudou. Estudou... adulto já! Foi para África do Sul, porque o colonialismo não deixava ele estudar aqui em Moçambique. Mas na África do Sul havia Apartheid. Também correram com ele! Mas ele continuou a estudar. Foi para Portugal. Não demorou! E depois foi para América e continuou a estudar. Estudou, estudou... Quando acabou os estudos tinha carro. Tinha casa. Tinha trabalho lá na América! Mas ele disse não: **o meu povo não pode continuar assim! O meu povo não pode continuar assim! Vou voltar para Moçambique, para ajudar e dar a minha contribuição para libertar Moçambique!** E ele foi fundar a Frelimo. E na Frelimo disse: **no passado nós não ganhamos. Lutamos contra o colonialismo e nós não**

ganhamos porque estávamos divididos. Considerávamos as nossas tribos como inimigas, como uma fraqueza! Mas vamos agora resolver o problema que os nossos antepassados não resolveram: juntar todas as nossas línguas. Juntar todas as tribos e transformar essas muitas línguas em riqueza de Moçambique. E transformar essas muitas danças em riqueza para Moçambique. E utilizar esta riqueza para lutar contra o colonialismo!

Olhem, o colonialismo esteve aqui quinhentos anos! Quinhentos anos é muito, é muito tempo mesmo! Essas árvores não existiam quando o colonialismo chegou e dominou! Não sei onde é que Chinde estava, porque agora em pouco tempo desapareceu o porto. Não sabemos onde é que Chinde estava nessa altura. Os pais de todos nós, viveram dentro dos quinhentos anos! Os pais dos pais de todos nós, viveram dentro dos quinhentos anos! Os pais, dos pais, dois pais de todos nasceram, cresceram, casaram, morreram - dentro dos quinhentos anos! Os avós dos pais, dos pais dos nossos pais, nasceram, cresceram, casaram, morreram dentro dos quinhentos anos! Quinhentos anos é muito! Quinhentos anos é muito! Foi muito tempo! E éramos dominados pelo colonialismo.

E durante esse período todo, a nossa população lutou. Lutou, mas não conseguiu vencer, até que apareceu Mondlane e ele disse: a razão porque nós não vencemos, é porque estamos divididos! Vamos transformar as nossas inimizades em riquezas. Em riqueza de todos Moçambicanos. Vamos abraçar-nos. Vamos comer no mesmo prato. Vamos estudar na mesma escola. Vamos andar nos mesmos caminhos e vamos fazer juntos a luta! E de facto, treze anos depois – treze anos: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze! Conte bem? Em treze o colonialismo saiu! Estavam aqui quinhentos anos. Não conseguíamos tirar. Mas em treze anos, e estávamos unidos todos, o colonialismo foi-se embora e os Moçambicanos dirigiram o País! É a grande lição de Mondlane. É a grande lição da unidade: que Moçambicanos quando se juntam eles vencem!

Nós tivemos ainda recentemente aqui, uma guerra. (...) Temos dificuldades de acesso porque não temos carro. Não temos barco e não temos avião. Mas durante, a guerra nós não podíamos ir para nenhum lado, por causa da guerra. Porque a guerra comia, come gente! A guerra come. Come crianças. Come jovens. Gosta muito de comer jovens, a guerra. Come adultos. Destroí escolas. Destroí hospitais. Destroí casas... a guerra! Moçambique voltou para trás! Moçambique voltou para trás! Um milhão de moçambicanos morreram! Um milhão! Sabe o que é um milhão? A província da Zambézia tem três milhões. A província de Niassa tem menos de um milhão! Um milhão é muita gente! Um milhão tem muita gente! Desapareceram. Morreram. Em Cabo Delgado. Em Maputo. Em Sofala. Na Zambézia. Em toda a parte. Então, de novo... de novo lembramos a lição: temos de estar unidos! Se nós queremos acabar com a guerra temos de estar unidos. Unimo-nos e a guerra acabou! E hoje estamos em Paz. As pessoas que estavam no mato; as pessoas que estavam na cidade; as pessoas que estavam lá fora como refugiados; juntaram-se. Abraçaram-se. E veio a paz! Não podemos esquecer da nossa História! A nossa História é muito importante. Ensina-nos donde nós viemos e ajuda-nos a compreender para onde nós queremos ir. E ajuda-nos a avançar com firmeza!

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Por isso mesmo, nós estamos na caminhada. Nós estamos a avançar para algum lado, nós Moçambicanos. E a nossa caminhada ainda é longa. A nossa caminhada ainda é longa. Temos muita coisa a fazer. Mas nós temos um objectivo claro. Nós temos um objectivo muito claro. O nosso objectivo é acabar com a pobreza. É acabar com a pobreza. Aqui nas mensagens, e aquilo... por aquilo que disse o administrador, mostra que ainda temos muita coisa para fazer, apesar de termos feito já também muita coisa. Mas ainda há muita coisa ainda por se fazer. Há muita coisa que ainda falta e que nós temos que realizar. Essa é a nossa responsabilidade!

Eu vou agora – antes de continuar, eu vou agora antes de continuar, apresentar-vos alguns dirigentes que estão interessados... (...)

(seguem-se as apresentações)

Sáímos da colonização. Passamos pela guerra. E hoje estamos em Paz. E o nosso objectivo é acabar com a pobreza. Vimos que o Governo da Frelimo fizeram muito. E aqui foram indicados algumas das realizações. Só para dar um exemplo: já se pode estudar até 10ª classe aqui, em vez de ter que ir para Luabo. E em Luabo também, naturalmente, já tem. E tudo é no distrito de Chinde! Nesse país já se pode estudar. Acabar o ensino secundário e depois ir para Universidade, aqui mesmo na província. Durante todo o tempo de dominação estrangeira não era possível. Aqui em Quelimane temos universidade. Não é uma. Não são duas. Temos a universidade! Isto é a maneira de combatermos contra a pobreza! Nós também vimos que há poucas coisas que nós conseguimos obter ao longo desse tempo. Mas nós sabemos que isso não é tudo aquilo que nós queremos. Nós queremos mais e é justo que nós queiramos mais. Nós não queremos ser vencidos pelas águas, como está a acontecer aqui no Chinde. Nós queremos ter vários acessos que nos levem não só para Marromeu mas também para Quelimane e para outros pontos do país. Ainda não temos!

Nós queremos ter telefone, para podermos usar o telefone e comunicarmos com os nossos familiares, nossos amigos, nossos conhecidos, que estejam em Quelimane. Que estejam na Beira. Que estejam aqui mesmo na vila num outro ponto distante. Mas ainda estamos em marcha. Ainda não chegamos lá onde queremos! Mas, felizmente já sabemos qual é a forma de lá chegar. E a forma é continuarmos unidos. Considerar as nossas tribos como uma riqueza. As nossas peças de arte como uma riqueza. As nossas raças como uma riqueza. Porque é isso unido que permite derrubar o nosso inimigo, tanto aqui em Chinde, onde até as crianças conhecem bem a História do nosso País.

Eu gostaria de ouvir-vos. Ouvir-vos como é que pensam que podemos avançar neste combate contra a pobreza. Por exemplo, estivemos há pouco ali onde está... onde há um viveiro de casuarinas. É uma forma de combater contra a erosão! Se nós não tomamos medidas, Chinde pode desaparecer! Há alguns anos quando vim, visitei o porto. Agora já não há porto! Então, se nós não protegemos Chinde, um dia não vai existir Chinde! Chinde desaparece: as árvores, a estrada, a areia, as casas, naquela zona lá – marítima, nós estamos a ver armazéns a desaparecer. Aquelas pedras grandes estão a desaparecer! Então, o caminho para se defender qual é? Casuarinas, salgueiros - que devem ser plantados! Que devem ser plantados! Mas para plantar tem que haver pessoas para plantar! Chinde tem que plantar! Já não se pode perder muito tempo para plantar! Se não plantar, Chinde vai-se embora! O porto já foi! Isso é tarefa para ontem, senão serão arrastados (...) Estão no oceano...

(...) Se não plantar, um dia chegamos aqui e epa! Não haverá... Não haverá casas. As pessoas terão fugido a tempo, naturalmente, para irem não sei para onde: Marromeu.

Luabo. Quelimane. Mas a erosão não pára. A maneira de acabar a erosão, são casuarinas. São salgueiros. Mas as casuarinas e salgueiros tem que ser tratados pelas mãos humanas. As pessoas devem fazer as coisas. Agora estão em viveiros. Depois é preciso pegar e ir plantar. Se não plantar, Chinde desaparece!

Moçambique hoje!

(Hoje!)

(...) Eu quero pedir o vosso conselho. Por isso, vou dar palavra a oito cidadãos. Podem ser homens. Podem ser mulheres. Podem ser velhos. Podem ser jovens. Podem ser adultos. (...)

Apesar das dificuldades, a população de Chinde reconhece que alguma coisa foi feita. Aquilo que a população pede agora, é que trabalhemos para ter mais... E também a população indica as dificuldades que enfrenta. Eu vou apontar algumas das questões que estão aqui e vou comentar sobre uma ou duas:

Fala-se do roubo em demasia em Micaue... Tentou-se tudo e nem a religião conseguiu travar. Fome. As pessoas sem chá. O que há é tabaco. Bebedeira domina. Até as senhoras e meninas se juntam aos bêbados.

Fala-se do imposto. Da cobrança e da forma como é cobrado. Fala-se das vias de acesso: Chinde - Micaue – Quelimane. Fala-se da ambulância que não existe por causa das vias. Os acessos não estão em condições. Fala-se de energia...verdade é que seria bom que a energia fosse de Cahora Bassa. Mas enquanto não chega, pedem gerador.

Falou também o director da Companhia Sena que disse está satisfeito por estar a trabalhar para Moçambique e saudou a população de Chinde. Veio aqui alguém perguntar-me: mas será que Chinde está no mapa mesmo? No mapa de Moçambique há Chinde?

(...)

As crianças não conhecem cabo. Não há avanços..... Televisão não há. Telefone não há. E chama atenção: **“que não estou a apresentar queixa, eu estou a dizer aquilo que acontece....”**. Eu quero tranquilizar o cidadão. Nós temos liberdade. E nós lutamos pela liberdade. E nós defendemos a liberdade. E se há pessoas que depois de separar aqui vão retaliar por causa das posições que tomaram aqui, essas pessoas estão erradas! É melhor chamarem a nossa atenção. Nós defendemos a liberdade!

A pessoa que tem medo, que tem medo não pode ser livre. E quem tem medo, não pode ser livre e não pode também lutar contra as adversidades. Por isso, os cidadãos têm que intervir livres para apresentar aquilo que pensam, quando solicitamos, e não devem ter medo!

Falou-se aqui também da questão de regadio. Os três regadios que nós temos aqui. E estes três regadios recuperados podem acabar essa história de donativos, porque a comida está aqui! É só a questão de trabalhar!

Falou-se ainda também da questão do subsídio alimentar aos velhos. Levantou-se uma questão dos homens. As mulheres trabalham. Este regadio que nós estamos a dizer quem conhecem são as mulheres. Mas os homens, estes estão a dormir, nem estão muito tempo na reunião – estavam a dizer aqui - então apelam o seguinte: o Governo deve arranjar trabalho para esta gente!

Falou-se ainda da energia. Das energias das machambas. Das doenças das machambas trazidos por ratos, gafanhotos. Indicou-se a falta de médicos. E indicou-se a grande luta contra crocodilos, que matam senhoras, que matam crianças!

Também se disse que nem toda a parte há escolas. Há certos lugares onde não há escolas. Por exemplo, Bairro Samora Machel! E indicou-se a situação dos presos que vão mudando sempre, não são fixos!

Eu quero comentar sobre alguns aspectos, não só. Esta luta que nós estamos a fazer, esta luta que estamos a fazer, é uma luta complexa. Não tem somente um elemento. Tem muitas coisas lá dentro! Se nós queremos ser fortes de facto, temos que compreender que ela é complexa! E para podermos resolver os problemas que nós queremos, precisamos de aceitar pensar de maneira diferente daquela que nós pensávamos antes. Mudar de atitude. Mudar de atitude!

É verdade que o Governo deve procurar coisas para apoiar. Para continuar a apoiar a população. Mas qualquer ajuda, qualquer apoio não pode ser resultado de as populações elas próprias não trabalhar! E nós vemos aqui onde nós estamos, a população a trabalhar muito, mas sobretudo o lado das mulheres de facto... Os homens também trabalham, mas há vezes que podíamos trabalhar mais. Podíamos trabalhar mais! Sabem, quanto menos trabalharmos, menos vida temos! Porque trabalhar é crescer o organismo. Pôr o sangue a circular. Não tem vontade de comer muito, porque transpirou e o sangue está a circular bem. Trabalhar é isso!

Mas se a pessoa que não trabalha, é complicado. Há-de estar sempre a dormir. Há-de ter preguiça. Ou então, vai passar o tempo a beber para poder animar um pouco. Dorme. Come. Bebe! Dorme, come, bebe! Trabalha pouco! Vai morrer cedo. A falta de trabalho reduz a nossa vida! O nosso grande problema nem são os adultos de hoje. O nosso problema são as crianças que nós temos. Os rapazinhos devem também trabalhar! Devem trabalhar, porque o País constrói-se trabalhando. A casa constrói-se trabalhando! E para combatermos contra esta erosão que está a tentar comer... Para podermos plantar aquilo que nós queremos aí, temos que trabalhar. Tiremos umas horas de bebida! Tiremos algumas horas de dormir, para ir dar... defender Chinde para Chinde poder continuar e não termos que amanhã passar de barco e dizer: ali, ali é um lugar que é muito bonito chamado Chinde! Aquele lugar ali onde está aquela pequena ilha é ali onde faziam reunião, faziam comício ali mesmo... assim como hoje nós dizemos: ali onde estão aquelas águas: está a ver aquele barco que está a passar ali?... aquilo era porto ali, mas o porto hoje onde é que está? Já foi!

Eu não gostaria de ver Chinde a ir! Por isso, logo eu apelo é que trabalhemos mais. O Governo continuará a trabalhar no sentido de resolver os problemas que nós temos. Aqueles que aqui apresentaram aqui: os problemas das vias e outros problemas. Apresentaram lá também em Maputo: se não está resolvido é porque ainda não há condições, mas o vosso Governo preocupa-se por vós! Quando aparece uma solução imediatamente há-de se preocupar e resolver estas questões. Nós somos uma grande família, do Rovuma até ao Maputo. Todos nós estamos juntos: quando há coisa boa e quando há coisa má. Quando um está alegre, nós todos ficamos alegres. Quando alguém está triste, nós todos ficamos tristes. Por causa das vias de comunicação, nós estamos tristes. Por causa de falta de comunicação de telefone, nós estamos tristes. Todos nós, vamos trabalhar para ir resolvendo esses problemas! Não é possível resolver tudo de uma vez, mas o Governo está preocupado convosco! A vossa responsabilidade é fazer a vossa parte. Plantar casuarinas ali! Plantar aquela planta chamada salgueiro!

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Chinde hoye!

(Hoye!)

População de Chinde hoye!

(Hoye!)

Muito Obrigado!

(Palmas)

COMÍCIO DA CIDADE DE QUELIMANE - 2006

(...) Mesmo aqui onde nos encontramos, de novo vimos através das nossas danças. As danças que nós herdamos dos nossos antepassados! Vimos de novo essa alegria a ser-nos transmitida e a dizer-nos através dessa alegria, boas vindas!

Quero agradecer também essa oferta que aqui foi feita. Realmente, só para pegar numa: a mala: comunica o orgulho de ser Moçambicano. Comunica a capacidade do Moçambicano de pegar na madeira e faze-la falar. A capacidade do Moçambicano de fazer da madeira falar uma língua universal. A língua da beleza. A língua da justiça. A língua do amor! Muito obrigado pela vossa oferta! **(Palmas)**

Nós estamos aqui, essencialmente, para mais uma vez aprendermos de vós, população de Quelimane. E, através da população de Quelimane, a população da Zambézia, para aprendermos de vós quais são as grandes realizações que tem. O que é que estão a fazer neste grande combate contra a pobreza? Que mudanças se estão operando da nossa vida? O que é que existe hoje que não existia ontem mas que existe hoje e que nós gostamos? E o que é que nós pensamos que devemos fazer existir amanhã, mas que nós não temos hoje? Mudança é isso! Mudança é isso! É ter alguma coisa melhor hoje do que era ontem.

E se hoje persistem algumas dificuldades, pegamos nessas dificuldades e transformamos num mar de sabedoria, para que nós não continuemos a ter essas dificuldades. Porque nós compreenderemos porque é que ainda hoje persistem as dificuldades de ontem, enquanto nós Moçambicanos, pela nossa capacidade somos capazes de sempre encontrar caminhos de resolver e melhorar a nossa vida!

Este elemento é fundamental em nós. Quando nós falamos em mudanças, nós estamos a dizer que nós, sendo nós, queremos sempre ter melhor hoje do que éramos ontem. Queremos ser melhor amanhã do que somos hoje. Queremos ver o nosso caminho a avançar. Queremos melhorar as nossas condições de vida! E aqui nós estamos para saber da população da província da Zambézia: Que mudanças temos nós? Onde ainda temos dificuldades de mudança? E o que podemos fazer para que aí também ocorram? mudanças?

A Zambézia como tal, é uma província para que o País dá uma atenção particular. Referiram aqui a ponte. A primeira pedra que foi colocada ali em Chimuara, Mopeia! Mas podiam ter falado de mais coisas que acontecem na Zambézia e que as vezes, muita gente não se tem consciência de que estas coisas acontecem. Quando eu falar da estrada que está sendo asfaltada - com alguns atrasos - mas que está sendo asfaltada e que vai permitir, de asfalto, sairmos de Chimuara até Ligonha. Há muitos pedaços que ainda não tinham asfalto;

Podiam ainda falar da energia de Cahora Bassa que agora se encontra em mais distritos do que antes. Podia-se falar também do telefone fixo. De mais lugares hoje na Zambézia se pode telefonar para qualquer parte do nosso País. Para Beira. Para Nampula. Para Maputo. Para Pemba. Para Lichinga, assim como para qualquer parte do mundo – somente discando! Nós outros que temos um pouco mais de cabelo branco, lembramos quando vínhamos aqui a Quelimane. Para poder falar com Maputo, era preciso primeiro vestir paciência, porque não sabe a que hora vai encontrar a linha. E depois, com a paciência vestida, preparar a garganta para gritar... a voz parecer que chega ao Zambézia, ao Zambeze rio, atravesse o Zambeze vai para Gorongosa até chegar a Maputo; ou então que atravesse o Ligonha e vai até Nampula a partir daqui. Mas hoje, confortavelmente, a pessoa disca e fala como se estivesse a falar e a conversar com alguém do outro lado da sala. Hoje, na província da Zambézia nós temos mais telefones celulares. As pessoas em mais distritos podem com uma coisa destas falar com todo Moçambique sem dificuldade, e mesmo falar com o estrangeiro!

São coisas que acontecem e que as vezes passam despercebidas! São investimentos que se fazem seguindo o caminho correcto porque não pode haver desenvolvimento sem primeiro haver estradas. Não pode haver desenvolvimento sem primeiro ter energia! Não pode haver desenvolvimento sem ter telefone! Hoje estão a se criar novos empregos. Vão dizer que não são suficientes. Concordo! Mas estão-se criar novos empregos, através do camarão aquacultura e em plantações. Hoje nós temos possibilidade de ter universidade. Universidade aqui! Durante muito tempo, universidade só existia e apenas uma na cidade de Maputo. Durante muito tempo nós herdamos do colonialismo, uma universidade com mais de 2000 alunos. E nessa universidade havia menos de 40 alunos moçambicanos! A maior parte eram alunos estrangeiros! Praticamente não havia professores moçambicanos! E hoje, nós temos não somente essa universidade, como a maior parte dos alunos moçambicanos. Milhares! Professores moçambicanos: muitos!

Mas temos outras universidades do Estado – públicas. A Pedagógica; Aquela que ensina problemas internacionais... e temos também muitas universidades privadas que se encontram hoje, as públicas e as privadas, espalhadas em quase todo o País! Não se pode combater a pobreza sem se ter universidade. Tem que se ter o conhecimento de como fazer a estrada. De como transportar água. De como buscar energia. De como construir casas. De como resolver os problemas que se encontram no Rio dos Bons Sinais e no mar. De como prever e evitar... como prevenir e evitar doenças. E tudo isso exige escola. E hoje nós temos universidade! Mas, caros compatriotas dirão, e eu direi convosco também, que não é suficiente: queremos mais!

Eu também digo convosco: não é suficiente, queremos mais! Queremos mais escolas. Queremos mais hospitais. Queremos mais estradas. Queremos mais energia que chegue em todo... toda a província. Queremos telefone em todo lado. Queremos melhor comida. Não queremos cólera. Não queremos todas essas coisas que nos fazem mal!

Todos nós utilizaremos, verificaremos que queremos a mesma coisa. Por isso, a nossa batalha está definida. A nossa batalha é todos nós moçambicanos, utilizando as vias mais correctas que são definidas pelo vosso Governo. Todos nós trabalhamos para que a pobreza neste país passe para a História! Seja enterrada. Não apareça nunca mais! Não possa erguer a sua cabeça! Porque nós não temos razão de continuar pobre num País com tantos recursos como este e sobretudo num país com um povo tão forte, tão generoso, tão orgulhoso como o povo moçambicano!

Nós moçambicanos, mostramos no passado que quando nós queremos uma coisa, nós nos unimos do Rovuma ao Maputo e nós alcançamos aquilo que nós queremos! Nós no passado queríamos a nossa Independência. Nós nos juntamos do Rovuma ao Maputo, do Indico ao Zumbo e conquistamos a nossa Independência!

Havia guerra no país. Nós moçambicanos quando decidimos que já não queremos guerra, unimo-nos: vieram das bases, das cidades, do campo, das machambas, até mesmo do estrangeiro onde alguns Moçambicanos estavam refugiados. Abraçamo-nos e conquistamos a paz! E hoje estamos a viver a paz. A saborear a paz que nós estamos a construir! A paz para qual nós todos lutamos! A paz que é condição para podermos avançar, dar os passos que ainda a frente temos por dar!

Nós moçambicanos, fizemos coisas grandes em menos de 50 anos! Em menos de 50 anos fizemos coisas maravilhosas na História! Na História não só de Moçambique mas na História como História. Libertamo-nos. Resolvemos nossos problemas dentro do país. E estamos a caminhar firmemente para acabarmos com a pobreza! Falta-nos é acabar com a pobreza! Falta-nos é a acabar com a pobreza! Mas eu acredito que nós moçambicanos podemos acabar com pobreza. Nós moçambicanos, vamos acabar com a pobreza! Nós moçambicanos, vamos fazer deste país, essa maravilha e essa pérola do Indico que está nos nossos corações! Seremos nós a fazer. Seremos nós a realizar esse sonho, com o nosso trabalho, com o nosso esforço! Por isso... **(Palmas)**

Nós viemos aqui para compreender em que fase está a província da Zambézia e, muito particularmente Quelimane, nesta luta. Quais são os desafios que se colocam a frente e como é que podemos agir, avançar, para que de facto nós possamos alcançar aquilo que nós todos almejamos. Aquilo que nós todos queremos. Aquilo que nós todos aspiramos e podemos realizar! Por isso, eu vou dar a palavra a dez cidadãos. Homens ou mulheres. Crianças. Jovens. Velhos. Que nos possam mostrar a sua visão. Que nos possam trazer a sua sabedoria de como é que podemos avançar mais rapidamente... Não é uma empresa de uma pessoa. Não é trabalho de uma pessoa. É de todos nós. Mas só pode ser de todos nós se conhecermos o que cada um de nós pensa, e o que é que podemos aprender de cada um de nós!

Mas antes de eu vos dar a palavra, aos dez cidadãos, vou pedir que os companheiros que estão comigo, que também se preocupam em todo o momento, se preocupam para que esta luta contra a pobreza continue com sucessos, que eles se vão apresentar...

(Seguem-se as apresentações)

COMÍCIO DA VILA SEDE DE MOPEIA, 15 DE ABRIL DE 2007

(...)

Nós estivemos aqui em Mopeia há pouco tempo. Estivemos em Mopeia quando acabava de sofrer das cheias do Rio Zambeze. As águas nessa altura cobriram a zona baixa. E isso obrigou as pessoas que viviam naquela zona a virem para cá, para zona alta. E na zona alta começaram a reorganizar a sua vida. Foi nessa altura que nós estivemos cá.

Apesar de ser um momento de profunda dor e sofrimento, sentimos que as pessoas que aquelas pessoas que estavam nos centros de acomodação continuavam a ser fortes por dentro. Apesar de estarem a viver em tendas, elas estavam a prontas a recomeçar e a reorganizar a sua vida. Isso fez-nos sair daqui de Mopeia tristes mas com esperança.

Tristes pelas condições em que as pessoas, as famílias, se encontravam. Com esperança porque vimos que o ânimo era muito forte entre as pessoas. E as pessoas estavam determinadas a reconstruir a sua vida.

Nós, mesmo a distância temos acompanhado o que se passa: se estão a reorganizar a vida e como: a que velocidade, a que ritmo. Hoje mais uma vez recebemos o relatório agora do administrador a explicar o trabalho que está sendo feito para as pessoas saírem da acomodação e as pessoas entrarem no reassentamento. Porque acomodação é aquele momento em que qualquer coisa serve para viver: não casa para dormir; não há escola para ir e tudo o que se arranja, arranja-se assim, assim, para as pessoas poderem ir resolvendo os seus problemas. Mas essa não pode ser a nossa vida. O nosso objectivo não deve ser estarmos acomodados. O nosso objectivo deve ser estarmos reassentados. E reassentados significa que a pessoa tem o seu talhão. No seu talhão tem a mobília da sua casa. As crianças têm uma escola, já não estudam na tenda. O posto de saúde também está a funcionar, mas não funciona na tenda. A vida volta ao normal. As pessoas acordam de manhã, vão a machamba ou vão a pesca. É isso que nós entendemos por reassentamento. E nós estamos a ver que estamos numa situação em que temos ainda muita gente que não está reassentada. Muita gente que não tem talhão. É verdade que foram feitos muitos talhões. Foram demarcados por nós mesmos, mas nós não podemos demorar muito para voltar a vida normal. Nós não podemos demorar muito a voltar a vida normal. E para voltar a vida normal nós temos que criar as nossas condições. Primeiro é talhão. (...) Temos mil e tal talhões, para 6 mil famílias. Portanto, aquilo que nós fizemos, ainda faltam mais de 4 mil talhões. Ainda faltam mais de 4 mil. Fizemos 1500 talhões, em quanto tempo? Dois meses! Dois meses? Ou em um mês e meio? Um mês. Em um mês fizemos mil talhões ou mil e quinhentos talhões. Mas nós precisamos que toda a gente (...) a trabalharmos a esse ritmo só daqui a quatro meses é que vamos concluir os talhões todos: Maio, Junho, Julho, Agosto. Só em Agosto é que teremos. Entretanto de agora até Agosto temos de viver na tenda: se chove, estamos na tenda; se há sol, estamos na tenda. Se queremos colocar nova roupa, temos que pendurar na tenda. Até Agosto. Não pode ser. Não pode ser. Temos que encurtar. Temos que encurtar. E felizmente aqui em Mopeia, mostraram que trabalham muito. Então vamos lá produzir mais talhões. Não podemos chegar em Agosto com pessoas a dormir nas tendas. Não se pode fazer isso. As pessoas vão sofrer. Não vale a pena. Pais, mães, crianças, na tenda, até Agosto! Pode ser isso? Fica bem isso? **(Não!)**

Não, não fica bem. Nós temos sorte. Terra temos. Ainda mais outra coisa que é mais importante. Gente. Gente que trabalha. Gente que gosta de si própria. Então vamos usar isso, para esta gente que gosta de si própria. Gente que gosta de trabalhar poder sair da tenda para casa. Felizmente fizeram outra coisa boa. Arranjaram grupos para fazer tijolos. Não é assim? **(Sim!)**

Mas estão a fazer como os tijolos? Estão a fazer tijolos, estão a começar, não é? Mas estão a fazer como os tijolos? Aqueles grupos que estão a fazer, então têm que aumentar os tijolos. Há muitos jovens aí que não fazem nada. Acordam de manhã, vai passear, as vezes jogam a bola, também dançam. Muito bem, mas também podem produzir tijolo. não podem fazer isso, para sair da tenda e ir para casa. Casa de tijolo. Casa de tijolo. E depois feita por vós, hão-de ver que faz a diferença. Deve ser tijolo queimado, para poder conservar-se mais. Essa deve ser a nossa... Felizmente já começaram. Mostraram que tem vontade de fazer as coisas. Aquilo que eu vos peço vocês: vamos lá fazer mais rapidamente. Não podemos esperar até Agosto. Dormir na tenda! Vamos lá fazer uma casa, com três quartos, quatro quartos. Grande assim. Grande: Os filhos dormem ali. As filhas dormem ali. Os pais estão ali, não é assim? Quando quer comer tem sala.

Quando recebe visita tem sala. Não podem fazer isso?

Mopeia hoye!

(Hoye!)

Não podemos fazer isso? Não podemos fazer isso?

(Podemos!)

Sair da tenda para palácio feito por nós mesmos. É isso que é mudar. O ontem, o dia de ontem não ser melhor que o dia de hoje. O dia de hoje estamos na tenda. Ou melhor o dia de ontem estamos na água. O dia de hoje estamos na tenda. Tenda é melhor do que água. Mas amanhã temos que estar nas casas. Tijolo queimado. Tijolo queimado. É casa que vai viver durante muito tempo, para melhorar a nossa situação. E os vossos técnicos - os técnicos do Governo são vossos técnicos – devem continuar a trabalhar para transmitir os conhecimentos de como fazer uma casa, uma casa bem feita, com janela grande, com porta, não é aquela porta de carregar, com porta que abre e que fecha. Nós podemos melhorar a nossa vida. As cheias que aconteceram é desgraça. Então nós vamos pegar isso e fazermos força para melhorar não repetir-se mais. Bom, isso é para recordar a nossa primeira visita este ano. Estávamos em situação difícil, mas vimos que a vossa força interior está a mudar a situação. Mas é preciso fazermos mais depressa. E eu penso que mesmo os técnicos da agricultura deviam ensinar a cultivarmos melhor, porque é o trabalho deles, para termos mais comida. Bom, eu vou interromper a minha apresentação para apresentar-vos os dirigentes que estão comigo e depois vou retomar a palavra.

(seguem-se as apresentações)

(...)

Nós consideramos central acabar a pobreza. Isso quer dizer o quê? O Governo está a trabalhar para ver o povo livre da pobreza. E a pobreza o que é?

A pobreza manifesta-se através de carências, de falta de coisas. Por falta de comida, por exemplo. Ou por não ter comida suficiente. Por falta de tratamento no hospital: a pessoa está doente mas não consegue ter o tratamento que quer. Isso mostra pobreza.

Também é pobreza a falta de escola: termos crianças que querem estudar mas as crianças sem poderem estudar porque não há escolas ou porque as escolas que existem não são suficientes. A pobreza também se manifesta por falta de água. De água limpa que quando a gente bebe não vai criar problema lá dentro. Isso é pobreza.

É também pobreza a falta de habitação: por exemplo viver na tenda, em vez de viver numa casa de tijolo com janela e tudo. É sinal de pobreza isso. Ou então ainda a falta de transporte: a pessoa quer sair daqui para Chimuara, não tem transporte. Tem que ir a pé. Quer sair daqui para Quelimane, não pode ir. Não tem transporte. Quer sair daqui para Chinde, não tem transporte. Isso mostra pobreza. Isso são alguns exemplos de pobreza. Isso são alguns exemplos de pobreza que as pessoas podem ter.

O governo de Moçambique está a lutar. A tarefa dele principal é acabar com a pobreza. E para acabar com a pobreza, considera que é preciso lutar no distrito. É dentro do distrito que podemos acabar com a pobreza. Isto é, o distrito ter comida. Isto é, o distrito ter água. O distrito ter escola. O distrito ter hospital. O distrito também ter energia. O distrito ter telefone. É no distrito onde vamos que ter este telefone. E a partir do distrito então podemos resolver o problema de Moçambique. Se nós aproveitarmos

bem esse nosso... produzirmos muita comida, o preço da comida vai baixar. Mas as pessoas como estarão a produzir muita comida, vão ganhar mais dinheiro. E as pessoas que vivem e trabalham em Quelimane; as pessoas que vivem e trabalham na Beira; ou que trabalham em Nampula; ou que trabalham em Maputo, vão ter muita comida. Não vão ter dificuldade de comprar comida. E assim vão ter força para trabalhar e produzir aquelas coisas que se produzem na cidade para alimentar o campo. Portanto, o nosso objectivo é combater a pobreza. Para combater a pobreza, temos que trabalhar todos.

E para o distrito, o nosso governo decidiu: para acabar com a pobreza é preciso o povo sentir o poder. Ter poder é decidir. É decidir. Ter poder é decidir. É poder escolher. Então no distrito o povo tem que ter poder também. O povo tem que ter poder no distrito. E assim temos os Conselhos Consultivos: Os Conselhos Consultivos Distritais; os Conselhos Consultivos dos Postos Administrativos; Os Fóruns das Localidades. São pessoas que vivem connosco. Que tem machambas como nós. Que é professor; que é enfermeiro; que é camponês; que é líder comunitário; que nos conhece bem; e que é escolhido para estar ali, estudar os problemas do povo e ver como resolver os problemas para o povo deixar de ser pobre. Para nós moçambicanos deixarmos de ser pobre. Porque nós podemos acabar com a pobreza. Se nós quisermos a pobreza vai acabar. Vamos ter a comida; agora vamos ter casa de tijolo, não vamos viver debaixo de uma tenda. Vamos ter telefone. Vamos ter escola. Se nós quisermos, Conselho Consultivo é que deve ajudar o Governo para ver os caminhos para chegarmos lá. Não vamos ter tudo num dia, mas vamos ter sim senhor, de acordo com as nossas possibilidades. Mas o Conselho Consultivo é para este Governo a chave para acabar com a pobreza no distrito. E no dia em que acaba a pobreza no distrito, em Moçambique acaba a pobreza também. Por isso, o trabalho que estão a fazer os Conselhos Consultivos, não são só para os distritos é para todo o Moçambique, do Rovuma ao Maputo, do Indico ao Zumbo.

Sabem onde está o Zumbo, não é? Só ouvem Zumbo, Zumbo, Zumbo. Sabem onde está Zumbo? Zumbo é o lugar mais ocidental na República de Moçambique. Encontra-se na fronteira com o Zimbábue e com a Zâmbia neste Rio Zambeze. Lá onde o Rio Zambeze entra em Moçambique, vindo da Zâmbia e do Zimbábue. Este lugar chama-se Zumbo. Por isso a preocupação para acabarmos com a pobreza, do Rovuma ao Maputo, do Indico ao Zumbo, é resolver o problema do distrito. Mas para poder fazer isso, é preciso que o Conselho Consultivo tenha poder. O Conselho Consultivo decide, apoiando o administrador, apoiando o Governo para podermos marchar. Então o Governo central decidiu que neste momento duas coisas têm que ser feitas: uma delas, entregar sete milhões. Todos distritos de Moçambique no ano passado receberam sete milhões. Sete milhões para quê? Sete milhões para quê? Para resolver dois problemas. Para não complicarmos muito, dois problemas. O primeiro problema, emprego. Nós temos muitos jovens aqui que não tem emprego. Então, aqueles sete milhões é para ajudar a resolver o problema de emprego. Aumentar emprego. Pode ser a fazer tijolo. Pode ser a construir casas. Pode ser a construir escolas. Pode ser a arranjar estradas. Pode ser a construir pontes. Pode ser a arranjar telefones. Aumentar emprego para os nossos filhos. Para os nossos filhos aumentarem emprego. Sete milhões cada distrito.

A segunda coisa que os sete milhões querem resolver: aumentar a produção de comida. Aumentar a produção de comida. Moçambique com esta terra boa, com este Vale daqui no Zambézia, não faz sentido ir pedir comida lá fora, em terras que muitas vezes não são tão ricas como Moçambique, mas as pessoas trabalham e produzem. Comem, vendem outra parte e também nos oferecem. E também nos oferecem. E nós aí, apesar de terra boa, com muita água, de mão estendida: **“por favor, por favor, estou a pedir milho!”**

Mas milho está aqui! **“Ah estou a pedir arroz”**, mas arroz está aqui! **“há eu quero cebola”**, mas cebola está aqui, a terra que produz cebola é esta que está aqui. E toda a gente sabe que os moçambicanos são muitos trabalhadores. Mas nós aí com a mão estendida. Nós com a mão estendida. Não, não podemos fazer isso. Temos que mudar. Compreendem? Compreendem meus irmãos? Tem mangueira, mas anda a pedir manga noutros lugares, só porque não negam só. Tem machamba para arroz, aquele capim que a gente diz **“esse capim aqui...”**. Mostra que a machamba é boa, mas não quer pedir produtos noutras partes. Temos que combater a pobreza e então o Governo arranhou sete milhões. Duas coisas: trabalho e comida. Isto vai resolver os nossos problemas. Se nós trabalharmos para isso, daqui a dois anos vamos ficar admirados nós mesmos. É verdade que vão surgir muitos problemas, a começar dos preguiçosos. A começar dos preguiçosos. Vão reclamar **“isto não pode ser! Isto até parece naquele tempo de chibalo!”** Tem medo de trabalhar. Chibalo era para alimentar os outros. Mas isto é para alimentar a ti próprio. É para alimentar os teus filhos, os teus irmãos. É para valorizar-te a ti próprio. Mas vão aparecer pessoas que vão tentar desencorajar, a dizer **“ah não tem importância, eu posso não trabalhar, eles vão nos dar mais tarde. Quando eu estender a mão, vão trazer arroz. Vão trazer milho. Vão trazer feijão. Vão trazer óleo”**. Mas nós podemos fazer tudo isso aqui em casa. Nós podemos fazer tudo aqui em casa. Basta decidirmos. Basta querermos. Nós podemos fazer isso e muito bem aqui em casa. Não podemos viver de mão estendida. Mas também agradecemos aqueles que nos dão. Mas não devemos habituar sempre de pedir.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Combater a pobreza é..

A segunda coisa que o Governo está a fazer é de que quando quer construir uma escola, um hospital, quando tem uma obra grande a fazer isso tem que ser do conhecimento do administrador e o administrador deve informar ao Conselho Consultivo, a dizer assim **“aquilo que se aprovou na Assembleia da República, o dinheiro aprovado na Assembleia da República, para o distrito de Mopeia dá 10 salas de aulas e querem construir 10 salas de aulas no lugar tal”** e se nós temos ideia dizemos **“não, não, não é ai não! onde há mais crianças sem escola é no lugar tal”** e assim o conselho consultivo vai saber o que é que vem como produto e vai decidir como gastar os sete milhões. Mas há um espírito que devia estar sempre com o Conselho Consultivo. E o Conselho Consultivo devia dizer **“além dessas duas coisas há ainda uma terceira coisa”**. E a terceira coisa qual é? aproveitamento das coisas que nós temos a nossa volta para melhorar a nossa vida. Não tem nada a ver com os sete milhões. Não tem nada a ver com o nosso dinheiro. Por exemplo aqui onde nós estamos: Estão a ver aquela zona aí? Tem pedrinhas. Está bonito não é? Quando chover, a água não vai arrastar muita coisa. Há muitos que vivem perto das montanhas. Por exemplo aquela zona de Chimuara, há muita pedra. Então vocês podem dizer, porque é que eu vou gastar o meu dinheiro ir comprar madeira? Ir cortar árvores? As árvores fazem falta?!!! Então a melhor coisa é partir a pedra e construir, pôr uma pedra sobre a outra e sai casa. Vive 50 anos. Mais de 50 anos. Os teus netos vão ver. Vem vento, vem frio, sua casa está ali. A casa não sai está ali, se for bem-feita. Isso podemos fazer aqueles que têm pedra perto para resolvermos o nosso problema. Mas nós temos um hábito aqui... também o Conselho Consultivo tem que analisar. O Conselho Consultivo tem analisar: de queimar mato. Queimar o mato, a procura de rato. Só por causa de rato fazer acabar, abaixar, destruir árvores. Naturalmente que o rato é importante, dá boa comida. Dá boa comida, é saborosa. Mas a comida do rato não deve servir... aparecer destruindo

as árvores, porque quando as árvores desaparecem não vai chover. Os rios vão secar por causa das árvores que faltam. Temos que combater contra as queimadas. Mas ao mesmo tempo temos que aumentar árvores. Na escola por exemplo, cada aluno, em cada ano, deve plantar uma árvore de fruta. Plantar uma árvore de fruta. Regar a árvore. E depois mais tarde quando for adulto, ou quando quiser casar, a namorada vai dizer **“onde é que tu estudaste?”** Ele vai dizer **eu vou te mostrar.** Pega na namorada e vai para escola e diz eu estudei aqui: **Vê lá, a minha árvore é esta!** Compreendem? Está a produzir enquanto é criança e quando for adulto vai produzir muito mais.

Moçambique hoje!

(Hoye!)

A preocupação nossa em relação as cheias é acelerarmos a abertura de talhões, acelerarmos a produção de tijolo, acelerarmos a produção de casas. Em relação ao programa no geral, o Governo está a trabalhar... o objectivo principal do governo é acabar com a pobreza. E para acabar com pobreza o vosso Governo decidiu que é no distrito onde se faz o combate. É em Mopeia que se faz o combate e explicamos mais ou menos alguns aspectos da pobreza. E para ajudar o distrito, o governo decidiu arranjar sete biliões. Sete milhões para poder produzir trabalho e comida. Trabalho para os nossos jovens. E também diz o distrito tem que saber através do Conselho Consultivo o que é que vai ser construído pelas estruturas de ensino da província ou da Nação. E o Conselho Consultivo deve aproveitar as coisas que estão a volta para ir melhorando mais e mais a vida da sua população. Até agora estive eu a falar, confiei-vos algumas das minhas preocupações. Mas também eu quero ouvir as vossas preocupações. Como é que vamos caminhar para acelerarmos isto. A pobreza não pode esperar. É como a fome: chega o meio-dia começa a sentir qualquer coisa lá dentro. Diz **“ah não importa, fica para mais tarde”**. Vai fazer isso num dia e no dia seguinte já não aguenta. Não se adia a fome. Não se adia a fome. Também a pobreza deve tornar-nos impacientes. Porque está nas nossas mãos, nas nossas mãos aqui onde nós estamos resolver o problema da pobreza. Então eu quero a vossa contribuição. O que é que podemos fazer? **(Palmas)**

Oito cidadãos! Oito cidadãos podem vir aqui falar. Eu pedia que não repetissem aquilo que os outros disseram e naturalmente para podermos compreender melhor as vossas dificuldades e o vosso espírito de luta, sobretudo.

(seguem-se as intervenções dos cidadãos)

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Mopeia hoje!

(Hoye!)

Queria agradecer a vossa contribuição. Queria agradecer também os vossos conselhos e vermos o que pensam que podemos fazer para combatermos efectivamente a pobreza. Das intervenções que aqui vieram, muitas delas os meus conselheiros foram falar com as pessoas que apresentaram para compreender mais em detalhe quais são as questões. Mas as intervenções que aqui apresentaram mostram que há pouco engajamento sério da população de Mopeia em lutar contra a sua pobreza e isso é importante porque a pobreza nossa não pode ser combatida por outros, tem que ser combatida por nós mesmos.

Aqui também foram colocadas questões que me parecem ser de corrupção. A cobrança de dinheiro para garantir emprego enquanto que aquele que procura emprego anda a procura de dinheiro. A ser verdade é corrupção. É corrupção. Nós não podemos julgar alguém que vai entregar ... sem ouvir esse alguém que é acusado.

Outro cidadão falou do cidadão que tem e pensa que é ameaçado de expulsão no seu serviço onde ele é professor. Outro cidadão chama-nos atenção para nós todos de facto estarmos atentos no combate a pobreza. Outro cidadão lamenta que em Mopeia não há escola média, não há escola pré-universitária. E diz que esta escola só existe em Quelimane, Mocuba e Gurué, mas que na parte sul da província da Zambézia não há. Eu quero fazer um comentário sobre isso. Quando nós outros éramos jovens, isso foi há muito tempo, escolas médias em todo o Moçambique eram menos do que os dedos das mãos. Havia escolas médias, se não estou em erro, uma em Nampula. Havia também na Beira e havia também em Maputo. Mas, por exemplo nos anos de 62, quando alguém completava 10ª classe em Nampula, para fazer 11ª e 12ª tinha que viajar de Nampula para ir viver, ir estudar em Maputo. Escolas médias eram muito poucas. Mas muito poucas mesmas. Em todo o país do Rovuma ao Maputo, no período da Independência, em 1975 só havia uma universidade em todo Moçambique e estava em Lourenço Marques. Nessa universidade havia 2000 alunos mais ou menos. Mas nesses 2000 alunos só 40 eram moçambicanos. Os outros eram estrangeiros, em 1975, há 32 anos. Mas ganhamos a Independência. Lutamos pela Independência. A situação mudou. A situação mudou, sobretudo depois da assinatura do Acordo de Paz. Hoje o Estado, o Governo, tem Eduardo Mondlane; tem Universidade Pedagógica; tem ISRI, escola internacional, instituto internacional para estudos internacionais; tem ACIPOL. ACIPOL, escola superior da polícia; tem Samora Machel, a academia militar; e está em quase todo o país.

Este ano vai acontecer uma nova universidade do Estado com sede em Nampula e nos anos próximos anos vamos ter outra universidade que vai estar na zona centro. Ainda está-se a estudar. A Universidade de Nampula, que se chama Universidade de Lúrio ou então UNILÚRIO, vai se começar por se concentrar na saúde. Vai formar médicos. Vai formar especialista dos dentes. Dentes. Vai formar farmácia. A independência é que permite fazer isso e porque o Governo está preocupado pelo povo de todo o país. De todo o país. Mas além disso há universidades privadas. Este país deve ter mais de 15 universidades. Portanto, o sul da Zambézia não está esquecido. Não se pode fazer tudo ao mesmo tempo. Tem que se começar de algum lado. Neste caso, começou-se de Quelimane, e depois foi-se para as outras zonas. Um dia, quando os planos permitirem também há-de chegar. Mas não fiquemos preocupados pensando que estamos esquecidos. Não é possível. Nenhum pai, nem nenhuma mãe pode esquecer-se de nenhum filho.

Aqui falou-se do problema da MCEL. Nós temos conhecimento que a empresa já entrou em contacto ou vai entrar em contacto com a Igreja aqui na província da Zambézia a fim de compreender melhor qual é o problema porque até agora a empresa não compreende qual é o problema. Então é preciso explicar bem qual é o problema para ver o que é que se faz.

Aqui foi falada da situação também de gado que come nas machambas da população. Aqui também foi falada a situação da Sena Sugar, eu penso que é Luabo, não é? em que não há sinais de mudanças apesar da guerra ter passado há muito tempo. Eu queria dizer aos cidadãos que pensam dessa maneira para dizer que nós também estamos preocupados. Não podemos fazer... encontrar a solução num dia. Só basta ver a situação de Marromeu. Levou muito tempo para conseguirmos um investimento para Marromeu poder acordar de novo, porque o governo estava muito preocupado. E o governo também continua preocupado pela situação de Luabo. É para dizer que estamos

juntos. Vamos trabalhar juntos para melhorar a situação de Luabo. Aqui também foi apresentada a situação da agricultura: alguém dificulta o trabalho da agricultura, dos serviços da agricultura, um técnico. E foi apresentada a situação de Campo, dizendo que não há nada. Nós registamos. Registamos. Portanto a nossa preocupação é registamos tudo aquilo que disseram. Nós estaremos atentos a ver como é que nós todos podemos contribuir para melhorar aquilo que está mal. E felizmente as pessoas reconhecem que há muita coisa boa que foi feita. Então vamos trabalhar todos juntos para acabar as dificuldades e para acabar com a pobreza ao mesmo tempo.

Mopeia hoye!

(Hoye!)

Mopeia hoye!

(Hoye!)

Província da Zambézia hoye!

(Hoye!)

Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoye!

(Hoye!)

Muito obrigado!

(Palmas)

COMÍCIO DA SEDE DO DISTRITO DE PEBANE – 13 DE ABRIL DE 2007

Província da Zambézia hoye!

(Hoye!)

Pebane hoye!

(Hoye!)

Pebane hoye!

(Hoye!)

Muito boa tarde!

(Boa tarde!)

Desde que cheguei aqui, ainda há pouco tempo, eu senti que tinha chegado numa terra de gente muito alegre. Senti isso ali no aeroporto. Eu vi a maneira como davam os vivas: sempre um sorriso... Vi a maneira como dançavam. Vi a maneira... as mensagens que transmitiam. E mesmo aqui, também vimos que de facto estamos perante gente trabalhadora e alegre, também. Aquele que consegue dizer que, neste distrito, este ano não vai haver fome nesta fase do nosso país, é trabalhador. Porque o grande problema que temos no país é que as pessoas daqui a 2 meses, 3 meses vão passar a ter fome. Não vão ter milho. Não ter mandioca. Vão ter falta disso. Em Pebane, dizem não senhor. O Peixe também estará. Mandioca também estará. Até trouxemos milho também para entrar. Tudo produzido pela população de Pebane. Por isso nós queríamos saudar-vos. E dizer que a nós não nos surpreende esta vossa alegria. Mas eu também compreendo. Há muita coisa que foi feita nos últimos dias. Telefone celular. Celular aquele que fala a andar sozinho. Já existe. O que falta é dinheiro para comprar, mas o telefone está aí.

Energia ainda não chegou, mas vai chegar certamente. Não sei. Escola: já não querem escola secundária. Já tem. Agora querem escola média. Isso mostra que há mudanças. Pebane de ontem não é Pebane de hoje. Pebane de ontem era um lugar muito bom, com gente muito boa. Pebane de hoje é também a mesma coisa, mas com uma diferença. Já há mais coisas para a população. Já há telefone. Há mais alguma coisa para a população. Isso explica a razão da nossa luta. E quando nós dizemos as coisas não vão chegar de uma vez: vai chegar hoje uma coisa e amanhã outra coisa. Mas vai chegar, porque vocês tem um governo, que se preocupa por vós. Que quando vocês falam, ouve com atenção. Estuda aquilo que dizem. Aquilo que conseguem resolver hoje, resolvem hoje. Aquilo que não podem resolver hoje, vai resolver amanhã ou depois de amanhã. Por isso eu estou confiante. Eu estou confiante que apesar das dificuldades, nós vemos o nosso caminho. O caminho que vai levar a que os moçambicanos deixem de ser pobres. Ohawa é muito mau. É muito mau mesmo. Uma terra como esta, sobretudo gente muito trabalhadora, e depois não tem nada, é muito mau. Temos que mudar isso. E a maneira de mudar, de acabar com Ohawa é trabalhando. É acreditando e compreendendo que para as coisas mudarem, as coisas dependem de cada um de nós. Nós é que vamos melhorar a vida. Mas eu estava dizendo. Eu estava dizendo que admirava muito a maravilhosa população de Pebane. Queria aproveitar então agradecer essas ofertas que nos dão. E mesmo esta aqui, a gente já pode gingar um pouco mais. Muito obrigado.

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Antes de eu prosseguir, eu vou fazer apresentação daqueles que estão comigo. Que são dirigentes e que vem para aqui também muito atentos para ver o que é podem fazer para acelerarmos esta marcha. Por isso, façam favor.

(seguem-se as apresentações)

Eu estava explicando. Eu estava explicando que o nosso objectivo – o objectivo de todos os moçambicanos onde quer que esteja – do Rovuma ao Maputo, do Indico até ao Zumbo, o nosso objectivo é acabar com a pobreza. E nós quando falamos de acabar com a pobreza, não estamos a sonhar só. Estamos a falar de uma coisa que sabemos que vai acontecer. Nós moçambicanos podemos acabar com a pobreza. Está nas nossas mãos fazer isso. Assim como nós moçambicanos, que éramos colonizados, estive nas nossas mãos e responsabilidade acabar com o colonialismo. E o colonialismo acabou em Moçambique. E os moçambicanos passaram a governar. E quem fez esse grande milagre foi o esforço dos moçambicanos. O esforço de cada um de nós aqui. Mais tarde havia guerra neste país. Nós todos sabemos: os mais velhos porque sofreram na carne; os mais novos porque ouviram contar. Mas naquele tempo quando havia guerra parecia que nunca podia acabar. Mas nós moçambicanos decidimos: não queremos guerra aqui em Moçambique! Queremos viver em paz. Sair daqui para Maganja sem ter problemas no caminho. Sair daqui para Moma sem ter problemas no caminho. Queremos que haja paz em Moçambique. E nós moçambicanos, do Rovuma ao Maputo, juntamos e a guerra desapareceu. A guerra desapareceu. Desde 1992 e agora estamos em 2007. Vamos fazer 15 anos. Uma criança que tivesse nascido nessa altura, hoje está a estudar na escola secundária. A paz veio para ficar, por nossa decisão. Também, nós moçambicanos, que não queremos sofrer com fome, que não queremos ser pobres,

podemos acabar com a pobreza. Basta decidirmos que vamos acabar com a pobreza. E então juntaremos as nossas forças e vamos acabar com a pobreza. E a pobreza vai passar para a história. Vamos dizer: **“naqueles tempos, quando havia pobreza aqui em Moçambique”**. Assim como hoje nós dizemos: **“naqueles tempos, quando havia colonialismo aqui em Moçambique”**. Ou então, **“naqueles tempos, quando havia guerra aqui em Moçambique”**. Mas já passou e quem fez passar somos nós Moçambicanos.

Então, nós podemos fazer passar também a pobreza. Para acabar a pobreza, nós precisamos de fazer certas coisas. Eu estou satisfeito com aquilo que vejo deste nosso maravilhoso povo. Estou muito satisfeito. Primeiro unidade. Unidade. Do Rovuma ao Maputo. Somos irmãos. Falamos línguas diferentes. Rezamos de maneira diferente. Mas somos todos moçambicanos. Em qualquer parte onde nós estivermos, nesta pátria de Mondlane e Samora, do Rovuma ao Maputo, nós estamos na nossa terra. Se eu estou aqui, estou na minha terra. Saio daqui e vou para Quelimane, estou na minha terra. Se saio de Quelimane e vou para Beira, estou na minha terra. Se vou para Nampula, estou na minha terra. Se vou para Niassa, estou na minha terra. Se vou para Maputo, estou na minha terra. É isto que significa a unidade. E nós neste momento vimos a unidade a funcionar quando houve cheias aqui. Quando houve cheias aqui na Zambézia. Em Tete. Em Manica e em Sofala. Quem chorou não são populações só daquele lugar. Foi de toda a parte. Ouvíamos gente de Cabo Delgado a dizer: **“são nossos irmãos, temos que fazer alguma coisa”**. Pessoas de Gaza, dizer: **“nossos irmãos temos que fazer alguma coisa”**. E depois houve aquela coisa, o ciclone Fávio, que trouxe uma ventania muito forte. De novo os moçambicanos disseram **temos que fazer alguma coisa, não podemos deixar nossos irmãos sofrer**. E depois, também houve uma coisa em Manica por causa de ventania. E todo o Moçambique gritou: **“nossos irmãos não podemos deixa-los”**. Houve essa coisa de Malhazine. O paiol que incendiou. Recebiam-se cartas, telefonemas de pessoas: **“como é que estão os nossos irmãos aí”**. Isto é uma grande conquista. Moçambicanos são assim juntos. São assim sempre juntos. Não se preocupam muito quando todos comem bem e não têm problema. Quando se surge problema num moçambicano, o outro moçambicano diz **“não senhor, tenho que ajudar”**. Isso mostra unidade. Mostra também solidariedade.

Mas para nós acabarmos com a pobreza, devemos fazer mais do que isso. Devemos ter hábitos de trabalho. Ter hábitos de trabalho. Gostar de trabalhar, para quando chegar a vez de descansar, descansar debaixo da árvore, mas por estar cansado. Não é acordar de manhã, dormiu toda a noite, e fica debaixo de uma árvore. Está a descansar. Onde é que trabalhou? Mas há pessoas que fazem isso. De manhã já estão a descansar. A noite também estão a descansar. Isso não nos vai levar para nenhuma parte. Nós temos bons exemplos aqui em Pebane. Muitos bons exemplos. Havia pessoas que somente se preocupavam com peixe. Iam pescar. E depois também faziam um pouco de mandioca. Mas porque este hábito, este gosto de trabalhar está a entrar, agora também estão preocupados em produzir milho. Isto é que vai resolver o nosso problema. Trabalharmos.

Trabalhar. Trabalhar muito. E não descansar. Descansar. Ficar cansado de estar descansado. E mesmo assim continuar a descansar. A pobreza não vai acabar. Temos que trabalhar. A nossa terra é muito rica. É por isso, que na agricultura, nós queremos fazer a Revolução Verde. A Revolução Verde. Aqueles que participarem nela hão-de ver a sua produção agrícola aumentar. A sua produção agrícola vai aumentar. E se aumentar a sua produção agrícola, vão dizer ta-tá a fome. Mesmo que chova muito. Mesmo que não chova nada. Vão dizer ta-tá a fome. Vão dizer **“naquele tempo**

quando havia fome neste lugar”, mas agora por causa da Revolução Verde não há fome, porque nós trabalhamos. Porque nós fazemos nosso esforço. Temos que fazer a Revolução Verde. E nós aqui em Pebane estamos a ver exemplo de pessoas que estão a fazer mais daquilo que é habitual. Isso produziu uma coisa que se diz que há segurança alimentar. Olha não esperamos ter fome no distrito este ano. Isto é muito bom. Esta é alguma mensagem que eu queria apresentar: luta contra a pobreza; a nossa força está na solidariedade; irmandade entre os moçambicanos; e a nossa força está no trabalho. E este trabalho se for utilizado dentro da Revolução Verde, então a nossa produção vai aumentar. Mas eu não vim aqui para falar. Eu não vim aqui para a falar. Eu vim aqui para ouvir. Para aprender. Sobretudo para fazer esta pergunta: há mudanças aqui em Pebane? Ontem e hoje as coisas estão melhor quando? É ontem ou hoje? **(É hoje!)**

É hoje? **(Sim!)**

Hoje é melhor? **(Sim!)**

Porquê? **(Temos energia, temos...)**

Intérprete: Sua Excelência ontem não tínhamos energia, hoje temos energia...

Presidente dirigindo-se ao intérprete: traduza, ela falou em português.

Como é que são tratados os cidadãos quando vão para uma repartição. São tratados com respeito? É mais hoje do que ontem? Ainda há muita burocracia? Papel aqui, papel ali, papel ali, papel ali... As vezes dizerem eu só posso passar isto se trouxerem alguma coisa: fala como homem!

Eu venho aprender para ver como é que estão a fazer esta batalha. Quais são as vitórias que alcançaram. E como é que pensam continuar para continuar a melhorar. Por isso vou dar a palavra a oito, oito cidadãos, para virem para cá. Aquilo que peço é que não repitam aquilo que o outro disse. Porque se cada um dos oito vier dizer a mesma coisa, sairemos daqui somente com uma experiência. Mas se cada um dos oito, pondo um problema diferente do outro, havemos de sair daqui pelo menos com oito problemas. Com oito experiências. Por isso, quem quiser vir dar a sua contribuição, faça favor...

Achinene! (Arrivava!)

Achinene! (Arrivava!)

Não estão a responder! Juventude está muito fraca... está bom não é fraca, está muito forte!

(Seguem-se as intervenções dos cidadãos)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Eu queria agradecer as ricas contribuições que aqui foram feitas pelos cidadãos que vieram intervir. De uma maneira geral as questões que estavam a por podemos tomar mais como uma contribuição na luta que nós estamos a fazer. Deram conselhos. Explicaram a nossa origem, de onde nós viemos, nós moçambicanos. Explicaram as grandes realizações do governo neste distrito e também explicaram aquilo que acham que falta: falaram do curso pré-universitário; falaram da carreira rodoviária: de transporte de gente, porque agora somente existem carreiras para transportar carga; falaram da necessidade de melhorar o hospital; falaram da situação da banca, do banco: as pessoas têm dinheiro mas não sabem onde guardar dinheiro. Escondem na almofada. Ou então

no colchão. Ou então mesmo vai esconder debaixo de uma árvore e depois é difícil encontrar de novo o dinheiro lá.

Falaram aqui também das especialidades que faltam no hospital, como aquela de observar os dentes. Mas também apresentaram problemas pessoais. Que não são só pessoais. São problemas do nosso funcionamento. Por exemplo a questão da bioaquática, que naquele tempo passou muito tempo sem pagar vencimento. Falaram também do sofrimento que tiveram como combatentes ou como desmobilizados. Mas aqui também se falou da importância destes instrumentos que foram criados, como CCD, na luta contra a pobreza.

Eu queria dizer que nós registamos o que disseram. Estamos atentos, queremos ouvir o que as pessoas pensam. E isso ajuda na nossa planificação. Se for uma coisa razoável e tivermos recursos, então pode se encontrar uma resposta, como encontraram resposta para outras coisas: telefone, energia, etc. Portanto nós registamos. Aquilo que eu gostaria de também dizer, não estou a prometer que vai acontecer. Nós registamos. E depois aquilo que for razoável então poderá ser resolvido no quadro dos nossos planos. Mas eu queria terminar repetindo algumas coisas. Estas questões, são questões de luta contra a pobreza, então nós temos que continuar a fazer. E nós desta vez escolhemos alguns aspectos, que é a amizade profunda entre os moçambicanos. Os moçambicanos sentem-se como irmãos. Onde quer que esteja o moçambicano quando ouve que outro moçambicano está a sofrer, sente. E que isto é uma grande lição. Falamos da solidariedade. Que onde quer que esteja um moçambicano a sofrer, o outro moçambicano, mesmo que tenha uma coisa pequenina, ajuda. E tivemos aqui um exemplo: por causa do paiol de Malhazine, entregaram-me aqui nessa reunião a vossa contribuição em dinheiro para ajudar os moçambicanos, os vossos irmãos que tiveram uma desgraça. E o mesmo se fez para aqueles que sofreram na região centro do país e noutros pontos. A terceira coisa: é que nós queremos acabar com a pobreza. Devemos acreditar que vamos acabar com a pobreza. E se nós acreditarmos que vamos acabar com a pobreza, então devemos continuar a desenvolver os nossos hábitos de trabalho. E Pebane tem exemplos disso, felizmente. Há cidadãos aqui que deram exemplos de serem dedicados ao trabalho e que está a resultar. E uma parte desse resultado é que não há fome e não se espera que haja fome nos próximos tempos. Isso é resultado do vosso trabalho. Mas nós todos queremos mais, então temos que continuar a fazer esforço. Finalmente, nós dissemos que para poder resolver problema de pobreza e acabar com a fome. Para acabar com a fome, com essa solidariedade, com essa irmandade, com esta unidade, com esta vontade trabalhar, então temos que seguir a Revolução Verde. E a Revolução Verde vai aumentar a nossa produção. Vai aumentar a nossa produção e ficaremos muito admirados.

Mais uma vez muito obrigado população de Pebane. Vamos continuar. E eu espero que a próxima vez vou encontrar mudanças. Dessa vez disseram-me que houve mudanças. Mudanças positivas. Eu espero que vamos continuar a ver mudanças positivas.

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Pebane hoje!

(Hoye!)

Província da Zambézia hoje!

(Hoye!)

Muito obrigado!

(Palmas)

COMÍCIO DA CIDADE DE QUELIMANE - 12 DE ABRIL DE 2007

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoje!

(Hoye!)

Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoje!

(Hoye!)

Província da Zambézia hoje!

(Hoye!)

Província da Zambézia hoje!

(Hoye!)

Quelimane hoje!

(Hoye!)

Quelimane hoje!

(Hoye!)

Mulher Moçambicana hoje!

(Hoye!)

Mulher Moçambicana hoje!

(Hoye!)

Jovem Moçambicano hoje!

(Hoye!)

...

Moçambicanos hoje!

(Hoye!)

Muito boa tarde!

(Boa tarde!)

Eu queria... Eu queria primeiro agradecer e saudar a população deste município. Agradecer e saudar pela forma muito carinhosa com que nos tem tratado desde a nossa chegada esta manhã a Quelimane. Rodearam-nos de tudo aquilo que pode ser considerado simpatia, carinho utilizando mensagens através de canções, mostrando belas danças e também permitindo que nós oiçamos as vossas belas vozes a entoarem canções de alto significado social...

Muito obrigado por isso.

Quero também agradecer as ofertas que aqui recebemos. Oferta é sempre oferta. Quando alguém oferece não quer dizer que tem. Quer dizer que naquilo que tem tira alguma coisa que gosta para oferecer. Para dar. Para mostrar a sua satisfação. Mesmo coqueiro. Aquele coqueiro. Só não sei como é que vou fazer com um coqueiro a plantar.. Mesmo coqueiro, será plantado lá onde for possível para confirmar que efectivamente Moçambique é o maior palmar do mundo.

Este ano nós sofremos alguns reveses. Este ano nós sofremos. Nós moçambicanos. E isto aconteceu particularmente ao longo do Vale do Zambeze, nesta província da Zambézia. Aconteceu também noutras províncias do norte, através de ciclones. No sul e no centro através de ciclones e aconteceu também através de incêndio que ocorreu em Malhazine, na cidade de Maputo. Eu queria pedir que todos nós observássemos um minuto de silêncio em memória das vítimas dessas calamidades.

Muito obrigado!

Nestas calamidades que ocorreram no país, estas graves que ocorreram no país... nós podemos ver o sentido de solidariedade dos moçambicanos que de facto os moçambicanos estão próximos uns dos outros. Quando um moçambicano sofre no centro ou no sul, no este ou oeste, os outros moçambicanos imediatamente reagem em simpatia. Também devemos nos orgulhar ... de notar que os moçambicanos tem muita auto-estima. Tem muito orgulho de si próprios. Respeitam-se muito a si próprios. Gostam de si próprios. Porque auto-estima é gostar. Gostar de si próprios. Os moçambicanos gostam de si próprios. E por isso quando ocorreram essas desgraças, os moçambicanos logo correram para procurar resolver os problemas que encontraram. Resolver os problemas que encontraram. E nós vimos coisas impressionantes. Não só os adultos, mas também vimos coisas impressionantes que são as nossas crianças, os nossos jovens que estão a estudar para serem professores, que estão a estudar nas universidades, com os seus professores, a saírem da cátedra, a saírem da sala de aula para irem apoiar aqueles que estão no sofrimento para poderem compreenderem bem como é que nós devemos reagir quando estamos em situação de desgraça, em situação de sofrimento. O que é que podemos fazer para que da próxima vez que venha a ocorrer, porque por exemplo as calamidades naturais sempre ocorrem em Moçambique. As cheias sempre vão continuar a existir em Moçambique. Ciclones sempre continuar a existir em Moçambique. Sempre que ocorrer uma coisa dessas, essas coisas não nos ferirem em demasiado. Podemos encontrar a forma de reduzir o seu impacto negativo. Assim as nossas universidades agora estão a estudar. Estão a ver e a conhecer o que é que podem fazer para que os nossos alunos, os nossos futuros doutores quando saírem da escola sejam capazes de trabalhar na comunidade moçambicana, tal como ela é, com as suas dificuldades que tem e desta maneira recuperar, recuperar aquilo que direi que é de mais importante que é pelo menos caso que é sofrer menos perante situações de dificuldades. Vimos portanto solidariedade. Vimos também auto-estima. E vimos esta vontade de poder resolver os problemas usando os problemas recursos que tem. Felizmente também tivemos os apoios de fora, de povos de fora, de governos, de organizações de fora, estrangeiros que vieram para Moçambique para disponibilizar a sua ajuda. Esta ajuda serviu para apoiar os esforços que os moçambicanos estão a fazer. Para complementar. Para completar aquilo que nós estamos a fazer. Aquilo que nós estamos a fazer. Assim é muito mais valorizado o apoio das pessoas que estão fora. Por isso, nós podemos dizer que mais uma vez se provou que a unidade é uma fonte, é uma fonte de força para os moçambicanos. É uma fonte fundamental para garantir que os moçambicanos alcancem aquilo que queiram. A unidade. A unidade dos moçambicanos. Do Rovuma ao Maputo. Do Indico até ao Zumbo. A unidade é que faz com que nós possamos ver com orgulho o nosso maravilhoso povo. A nossa pérola do Indico. Somos moçambicanos. Nós somos diferentes e essa diferença é que nos enriquece porque cada um traz as suas experiências na construção deste grande, maravilhoso e magnífico edifício que se chama Moçambique. Esta situação que aconteceu mostrou mais uma vez a importância de nós nos mantermos unidos. É claro, e é normal que quando há sofrimento há pessoas que querem aproveitar do sofrimento. É normal e não nos

espantemos disso. Há pessoas que quando vem alguém chorar até choram connosco e talvez até tiram mais lágrimas que nós. Mas quando saem de lá, riem-se. Estão felizes. Viram o outro a sofrer. Isso acontece. Não nos espante isso. O fundamental é que a maioria de nós, todos moçambicanos são solidários e compreendem que a unidade é que faz a força.

Eu queria antes de prosseguir, apresentar-vos os companheiros dirigentes que estão comigo. É bom saber quem está comigo. E depois disso eu vou retomar a minha intervenção.

(seguem-se as apresentações)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Moçambique hoye!

(Hoye!)

Eu vou falar pouco. Vou falar pouco porque quero também ouvir de vós. E eu vim aqui para ... resposta. Para nós vermos como é que estamos a fazer para a lutarmos contra a pobreza...

Na luta contra a pobreza nós temos algumas questões. Há aquilo que chamamos os obstáculos, que procuram bloquear para nós não avançarmos na nossa luta. Esses obstáculos hoje aparecem, estão a reaparecer aqui na cidade de Quelimane em forma de criminalidade, por exemplo. A criminalidade que já estava na sua situação mais frágil, reapareceu de novo com tentativas de assaltos. É bom não deixarmos que a criminalidade levante a cabeça e nos ponha assustado quando nós estamos a descansar nas nossas casas depois de trabalhar. Quando estamos a ter o descanso merecido. Mas nós também temos um outro obstáculo. E o obstáculo que temos é que ainda não demos o salto, todos nós, que nos leva a mudar de atitude. A ver as coisas de maneira diferente a que estávamos habituados a ver. Ao vermos um problema nós acreditarmos que esse problema para ser afastado depende de nós e não depende de outro. Que nós podemos resolver esses problemas. Por exemplo, que nós aqui em Quelimane, com tanto, tanta água e terra a nossa volta... e agora quando chove a nossa volta tudo isso é rio. E nós aqui em Quelimane, podemos, querendo-o acabar com a fome. As vezes é vergonha que nós em Quelimane para comermos tomate e hortícolas tenhamos que esperar do Malawi. Do Malawi para Malawi andar até aqui e Malawi não tem tanta água como nós temos. Não tem tanta terra como nós temos. Mas nós esperamos que venha de fora. Naturalmente, que enquanto eles produzirem e nós não tivermos nós devemos comprar. Mas não há motivo para nós... com esta terra rica que nós temos aqui. Com estas mãos ricas que temos aí, com essa auto-estima que nós temos, não há motivo de continuarmos a depender em vez de comprarmos as coisas produzidas na machamba aqui perto. Quantas... coisas de muito longe, depois de Milange. Nós pagamos o preço da compra lá. Depois pagamos o preço de transporte de Milange até aqui. E depois compramos o preço da venda. Mas se nós tivéssemos aqui pertinho, depois do aeroporto, machambas a produzirem isso que nós estamos a dizer, a comida havia de ser mais barata. O custo de vida nosso havia de baixar. Não havia de haver tantos problemas como aqueles problemas que nós temos. Ouvi dizer nas mensagens que pelo menos em termos de transporte, com as bicicleta-taxi, com os transportes urbanos, já está gerido o problema. Mas ainda assim o nosso povo não deixa nada lá dentro... É preciso avançarmos é aumentarmos a produção. Transformemos este

pântano a nossa volta, essa terra rica aqui em fonte de abastecimento da cidade de Quelimane. E depois verão que não será somente Quelimane a ser abastecido, mas será muito mais a ser abastecido. A luta contra a pobreza faz-se em coisas concretas. Não é em coisas abstractas. Há outros que falam de muitas teorias. Essas muitas teorias são importantes. Deixem-nos falar. Mas vocês e nós vamos falar daquilo que podemos fazer para transformar a terra e levar essa terra a produzir mais comida para nós para poder reduzir os custos para a nossa vida não ser tão má como é. É por isso que nós falamos da Revolução Verde. A Revolução Verde é fundamental para acabarmos com a fome. Nós notamos que no mundo, aqueles países que decidiram acabar com a fome, acabaram com a fome. E nós também decidindo acabar com a fome, podemos acabar com a fome. E nós temos vantagem sobre muitos países, porque temos terra mas sobretudo temos gente. Gente que sabe trabalhar, que gosta de trabalhar. Gente que não gosta de fazer confusão e gente que pode produzir e que pode transformar a terra numa fonte de riqueza para todos nós. Façamos a Revolução Verde. Havemos de discutir entre nós que é isso de Revolução Verde. Mas a Revolução Verde significa transformar um pedaço de terra que hoje produzia uma tonelada, mil quilos, vai produzir 3 mil quilos, 4 mil quilos no mesmo período. Nós podemos fazer. Nós podemos fazer.

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Eu queria propor que dez cidadãos, falando muito directamente possam vir aqui para nos dar lições. Dez cidadãos!

(seguem-se as apresentações dos cidadãos)

(...)

Falaram das preocupações também de muitas outras pessoas. Mas há pessoas que as vezes quando há muita gente assim tem problemas de falar. E temos que encontrar maneira para que um eles pessoas possam falar. Temos que estudar.

Das questões que aqui foram apresentadas, uns têm a ver com a burocracia. Burocratismo. Quer dizer, as pessoas apresentaram documentos e que esses documentos levaram muito tempo a ter resposta. Outro problema que foi levantado tem a ver com a falta de resposta da própria. Quer dizer um cidadão apresenta uma questão e não é respondido e fica desesperado. Outra questão ainda tem mais a ver com uma proposta de como vencer a pobreza, e sobretudo concretamente de como vencer a fome.

Eu queria repetir e garantir a população que o cidadão moçambicano quando tem um problema, o seu dirigente na localidade, no posto administrativo, no distrito, na cidade, na província ou na nação, os cidadãos devem ser ouvidos e devem ser respondidos. E na questão da burocracia, já não há necessidade de uma pessoa ter que pedir 5 vezes. Porque o funcionário que está ali, o funcionário que está ali a trabalhar, ele tem obrigação, se nota que o pedido que é feito não é está feito em condições, se há erros, tem obrigação de corrigir. De ajudar o cidadão a corrigir. Ele está ali para servir. Porque ele para conhecer os documentos ele estudou e não há-de ajudar. E o cidadão que nunca fez aquele trabalho não pode em pouco tempo saber escrever exactamente de acordo com as regras que a burocracia manda. É obrigação dos nossos trabalhadores,

daqueles que trabalham na função pública ajudar o cidadão a preencher bem as fichas. Ajudar o cidadão a escrever bem o seu requerimento. Ajudar a apoiar o cidadão. O cidadão deve sentir-se apoiado. Apoiado. Não ter medo de ir ter com uma pessoa que trabalha na parte burocrática. Isso é fundamental.

Por outro lado, é que nós estamos a introduzir o controlo do desempenho do funcionário. E o controlo do desempenho do funcionário vale mais, quanto mais problema resolve. Não vale muito se estiver sempre a ter dificuldades de resolver problemas. Se um cidadão tem a tarefa de passar licenças, ele conta não pelas licenças que não passou. Mas conta mais pelas licenças que passou e pelos problemas que resolveu para que um cidadão que não tinha uma coisa hoje possa ter essa coisa devido ao trabalho que ele faz. É por isso que ele é pago. E é para isso que ele é pago. Quanto a contribuição que foi feita aqui, para transformar a nossa Quelimane num centro de produção agrícola... eu sei que aqui nós produzimos e isto é muito raro ao nível da província da Zambézia, o arroz cerca de 1500 quilos.. mas podíamos produzir mais. mas há lugares onde o camponês produz 4 a 5 toneladas num hectare. Por isso aquele que disse que temos que trabalhar para produzir mais, eu concordo cem por cento com ele. Trabalhem. Encontremos a fórmula para trabalhar.

Alguém também disse aqui que, bom mas para eu trabalhar eu preciso de ajuda. Um lugar em que eu apresente os meus problemas para ver se há uma ajuda. Se os problemas que eu apresento fazem sentido ou não fazem sentido. É correcto. É nossa obrigação apoiar o cidadão. Aquele que quer trabalhar. Aquele que quer produzir.

Houve outro que falou de que um cidadão falou numa reunião e depois esse cidadão foi preso na PIC. Eu não sei se é verdade. Certamente que ele vai dar exemplos concretos disto. Mas se é verdade, isto não deve acontecer. Aqui estamos a falar todos em liberdade. É opinião. Temos que apresentar o que nós pensamos e como nós pensamos para nos corrigirmos mutuamente. Não devemos ter medo de falar. Não podemos ter medo de falar. Se nós pensamos alguma coisa, devemos falar. Só assim é que o nosso país vai crescer. Se nós podermos dizer o que nós pensamos e juntos depois abraçarmos o mesmo caminho. De qualquer maneira, aqueles que apresentaram as questões que aqui apresentaram foram contactados já pelos meus conselheiros, para conhecer mais em detalhes quais são as questões e em que base. Hão-de ter resposta. Essa resposta há-de vir de Maputo ou há-de vir de Quelimane, mas não há-de ter resposta do problema que eles têm. Mesmo que seja para dizer não, vão ter resposta. Um cidadão deve ser respeitado. O cidadão deve ser respeitado. Muito obrigado.

Moçambique hoje!

(Hoye!)

Quelimane hoje!

(Hoye!)

Muito obrigado!

(Palmas)

SAUDAÇÃO NO POSTO ADMINISTRATIVO DE MOCUBELA, DISTRITO DA MAGANJA DA COSTA – 13 DE ABRIL DE 2007

Moçambique hoje!

(Hoje!)

Povo Moçambicano Unido do Rovuma ao Maputo hoje!

(Hoje!)

Província da Zambézia hoje!

(Hoje!)

Maganja da Costa hoje! (Hoje!)

Mocubela hoje!

(Hoje!)

Mocubela hoje!

(Hoje!)

Cultura Moçambicana hoje!

(Hoje!)

Muito boa tarde!

(Boa tarde!)

Nós estamos aqui para saudar o nosso maravilhoso povo. Aquilo que nós temos de mais importante é este nosso maravilhoso povo. E estamos a saudar o nosso maravilhoso povo num dia de festa. Num dia de festa porque marca um passo na luta contra a pobreza. Como sabem aquilo que todos moçambicanos sentem desde o Rovuma até ao Maputo é a pobreza. E a pobreza pode significar muitas coisas. Mas uma das coisas também que significa pobreza é um adulto não ter trabalho. Quando um homem adulto não tem trabalho. Quando uma mulher adulta não tem trabalho isso mostra que é sinal de pobreza. Infelizmente existem muitos adultos em Moçambique que não tem trabalho. É por isso que o vosso Governo considera que o seu objectivo é lutar contra a pobreza. Toda a campanha foi feita para lutar contra a pobreza. Mas há muita gente que não acredita que é possível acabar com a pobreza. E não acreditam porque pensam porque como os pais deles foram pobres; Como eles próprios nasceram pobres; Como os seus filhos são pobres, concluem na base disso de que não é possível acabar a pobreza. Mas nós dizemos sim é possível acabar com a pobreza. E nisto os moçambicanos têm um histórico. Porque nós temos experiência de vencer. De vencer em lutas muito difíceis. No princípio era o colonialismo. O governo estrangeiro que estava no nosso país. Que nos dominava e não construía escolas para nós. Não construía hospitais para nós. Não construía estradas para nós. Somente poucos moçambicanos é que conseguiam estas coisas.

Então os moçambicanos disseram que vamos lutar e tirar a dominação estrangeira do país e criar uma administração moçambicana. Conseguimos lutar e vencemos. O governo estrangeiro saiu e os moçambicanos ficaram a governar. Isso mostra que quando nós queremos uma coisa e essa coisa também é querida pelo todo povo, quando nós lutamos para alcançar essa coisa, nós vencemos. E depois veio a guerra. Durante muito tempo, os moçambicanos não podiam se movimentar a vontade na sua própria terra. Então os moçambicanos disseram “não senhor, vamos lá acabar com a guerra. Vamos acabar

com guerra”. E em Roma assinou-se o acordo. A guerra acabou e veio a paz. Não é verdade isso? Não é verdade isso? Quem é que fez a paz, não são os moçambicanos? Nós os moçambicanos quando queremos uma coisa, nós conseguimos. Nós quisemos ficar independentes, trabalhamos e ficamos independentes. Nós quisemos acabar com a guerra, trabalhamos e a guerra acabou!

Agora falta um grande inimigo. É a pobreza. É a pobreza. Todos os moçambicanos do Rovuma ao Maputo sofrem da pobreza. Temos que vencer este combate. Eu tenho a certeza. Tal como o colonialismo caiu. Tal como a guerra caiu, então a pobreza vai cair. Basta estarmos todos nós unidos, do Rovuma ao Maputo, e trabalharmos. A pobreza vai acabar. Aliás, já temos já algumas coisas. Naqueles tempos, no tempo antigo, aqui em Moçambique não havia escolas grandes. Não havia universidades. Quando apareceu a universidade apareceu uma universidade. Quando alcançamos a Independência só havia uma universidade. Mas agora são moçambicanos, que decidem o querem, nós temos muitas universidades. Mais de dez universidades. Em todas as províncias há universidades. Naquele tempo universidade só estava numa cidade. Mas agora o número de universidades esticou. E nasceram outras universidades. Isso é aquilo que mostra que podemos conseguir aquilo que queremos. Por isso mesmo. Por isso mesmo estamos num dia de festa. Estamos num dia de festa porque é dia em que Mocubela que tinha fábrica de descasque de algodão, em que a fábrica deixou de funcionar durante muito tempo, agora já pode produzir amêndoa de cajú. Está aqui hoje. Já há moçambicanos que tiveram emprego. Há pessoas que deixaram de serem tão pobres como eram antes. Isto é o começo. É o começo de se criar mais postos de trabalho. Por isso estamos satisfeitos por esta luta contra a pobreza. Eu queria saudar os proprietários, que são moçambicanos e que fizeram esta grande obra. Queria encorajá-los a continuar a investir para que mais moçambicanos possam ter mais emprego. Possam conseguir vencer um bocadinho a pobreza, enquanto criamos condições para vencer problemas maiores.

Intervenção de um dos proprietários: Viva a Frelimo! (Viva!)

Viva a Frelimo! (Viva!)

Viva o povo de Mocubela! (Viva!)

Companheiros!

Das cinzas da destruição, das cinzas da destruição estamos a criar riqueza no país. Estamos a criar em Mocubela porque acreditamos que é através destes empreendimentos que criamos a riqueza. É através do aproveitamento dos nossos produtos que vencemos a fome, vencemos o desemprego. Por isso, camarada Presidente, este é um dos vários empreendimentos que temos na província da Zambézia e todas elas vão ser realizados.

Presidente da República: Moçambique hoye!

(Hoye!)

Ontem aqui não havia trabalho. Passaram muitos anos sem trabalho. Hoje porque os moçambicanos quiseram, criaram trabalho. Alguns dos moçambicanos já tem emprego. E acredito que como nós queremos acabar com a pobreza, vamos encorajar mais investimento, moçambicano e estrangeiro, para criarem projectos que possam permitir dar emprego ao nosso maravilhoso povo. Ao povo desta Pérola do Índico: o povo moçambicano!

Muito obrigado! **(Palmas)**

INTERVENÇÃO NA MACHAMBA DA ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA MULHER DE MUNABANE NOVA – 14 DE ABRIL DE 2007

Munabane hoye!

(Hoye!)

Munabane hoye!

(Hoye!)

Associação Nova hoye!

(Hoye!)

Quero agradecer a mensagem. A mensagem mostra que estão organizados. A mensagem mostra que querem trabalhar. E a mensagem mostra que querem trabalhar para acabar com a pobreza. Também a mensagem mostra que para acabar com a pobreza hoje é preciso também acabar com a fome. É assim que estão a ter dois hectares e meio já de jatropha, mas querem aumentar mais 1 hectare e meio; querem ter mais cajueiros; também querem ter um hectare e meio para cada família, para cada membro, ao mesmo tempo querem ter banca. Isso tudo é luta contra a pobreza.

Para nós acabarmos com a fome, temos que continuar a trabalhar. Felizmente os nossos associados trabalham. Mas nós temos que produzir mais ainda. E para produzir mais temos que estar bem organizados ainda. Esta associação ainda não tem um ano. Nasceu em Outubro do ano passado. Então, temos que trabalhar para continuar a associação. E para a associação poder continuar é trabalho, e depois as pessoas têm que ver o fruto do trabalho. Têm que ver o fruto do trabalho. Ver – como dizem – aquilo que jatropha vai dar. Jatropha tem que produzir. Tem que ter mercado. Concordo convosco. Mas também mandioca tem que produzir e matar a fome. Nós temos que estar mais organizados. Nós vamos trabalhar, através da área de assuntos económicos aqui no nosso distrito para ajudar-vos a organizarem-se melhor. É por isso que viemos para cá. Para vir ver o vosso trabalho. Podemos ver um bocadinho jatropha ali? **(Sim!)**

Vamos lá!